

## A produção científica sobre a História da Educação Especial no Congresso Brasileiro de Educação Especial (2016-2018): proposições para um balanço historiográfico

Giovani Ferreira Bezerra 

**Resumo:** Este artigo analisa os trabalhos científicos publicados, especificamente sob o eixo temático História da Educação Especial, nos anais do Congresso Brasileiro de Educação Especial (CBEE), nas edições de 2016 e 2018. O recorte temporal se explica porque esse eixo só foi incorporado pelo evento em 2016, o qual conta com edições bianuais, não tendo sido realizada, até o fechamento deste texto, edições posteriores a 2018. Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, exploratória e de levantamento bibliográfico. Assim, 40 trabalhos acadêmicos relativos ao eixo História da Educação Especial foram, então, compilados e, posteriormente, analisados quanto a temáticas, procedimentos metodológicos, fontes históricas, recortes temporais e referenciais teóricos-epistemológicos considerados em cada um. Os resultados indicam que pesquisa em História da Educação Especial apresenta fragilidades conceituais e teórico-metodológicas, possivelmente decorrentes da pouca familiaridade de seus autores com a historiografia, suas correntes epistemológicas e suas operações técnico-científicas. Por isso, prevalecem trabalhos com temáticas ou meras revisões históricas, sem inovações ao campo ou com pouco impacto para o avanço da própria inteligibilidade da História da Educação Especial, situação que pode ser enfrentada com maior aproximação científica entre os referenciais e objetos de estudo da Educação Especial com aqueles provenientes da História da Educação, já que ambos os campos têm em comum o universo educacional.

**Palavras-chave:** Historiografia da Educação Especial; História da Educação; Pesquisa exploratória.

### Scientific production on the History of Special Education at the Brazilian Congress of Special Education (2016-2018): proposals for a historiographical balance

**Abstract:** This article analyzes the scientific papers published, specifically under the thematic axis History of Special Education, in the annals of the Brazilian Congress of Special Education (CBEE), in the 2016 and 2018 editions. The time frame is explained because this axis was only incorporated by the event in 2016, which has biannual editions, with no post-2018 editions until the closing of this text. From a methodological point of view, this is a qualitative, exploratory, and bibliographic survey. Thus, 40 academic works related to the History of Special Education axis were then compiled and subsequently analyzed for themes, methodological procedures, historical sources, time frames and theoretical-epistemological references considered in each one. The results indicate that research in the History of Special Education presents conceptual and theoretical-methodological weaknesses, possibly due to the authors' lack of familiarity with historiography, its epistemological currents, and its technical-scientific operations. For this reason, works with themes or mere historical revisions prevail, without innovations in the field or with little impact for the advancement of the intelligibility of the History of Special Education, a situation that can be faced with greater scientific approximation between the references and objects of study in Education. Especially with those from the History of Education since both fields have the educational universe in common.

<sup>1</sup>Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Doutor em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Professor adjunto da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

**Keywords:** Historiography of Special Education; History of Education; Exploratory research.

## 1. Introdução

Os estudos sobre História da Educação Especial são pouco frequentes, seja no âmbito das pesquisas gerais em História da Educação, seja no âmbito da pesquisa em Educação Especial propriamente dita, existindo certo hiato entre esses dois campos (BEZERRA; FURTADO, 2017). Afirma Avila (2018, p. 2) que “A história da educação especial brasileira tem sido apresentada de forma paralela à história da educação, faltando um diálogo entre ambas. É de fundamental importância pesquisas acerca do referido tema, pois são escassas”. Por isso, verifica-se a necessidade de maior aproximação entre os trabalhos científicos desenvolvidos na área da Educação Especial e aqueles provenientes da História da Educação, com vistas a se ampliarem também as perspectivas do fazer historiográfico em torno da Educação Especial brasileira, nos seus múltiplos aspectos, tempos, espaços e sujeitos implicados, haja vista a relevância de iniciativas como esta para a problematização da história e memória da referida modalidade educacional (BEZERRA; FURTADO, 2017). Conforme explicitam Santos e Mendes (2016, p. 2),

Posto o desafio de uma “educação inclusiva” e/ou “educação para todos”, diversas questões de pesquisa emergiram no panorama nacional, principalmente no tocante à escolarização dos alunos público-alvo da Educação Especial nas classes comuns das escolas regulares. Entretanto, a história da Educação Especial tem sido pouco explorada nos estudos e pesquisas nessa área.

Pesquisa anterior de Bezerra e Furtado (2017) evidenciou que, no tocante a eventos, as produções em História da Educação Especial, no caso brasileiro, estavam circulando, sobretudo, nas edições dos Congressos Brasileiros de História da Educação (CBHEs). Não obstante, o Congresso Brasileiro de Educação Especial (CBEE), principal e mais abrangente evento nacional nesse campo, que atingiu a VIII edição em 2018, existindo desde 2003, na forma de encontros bianuais promovidos pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) em parceria com a Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial (ABPEE) (CONGRESSO..., 2018), incorporou, em 2016, já na sétima edição, o eixo temático História da Educação Especial. Este se manteve em 2018, na última edição do evento realizada até o fechamento deste texto. Logo, a presença recente e consecutiva desse eixo revela um movimento a ser estudado, pois novos interesses acadêmicos são postos em evidência, com a emergência de outros lugares de produção, de temáticas inovadoras e de novas visibilidades aos domínios da Educação Especial.

Nesse sentido, torna-se relevante apurar qual é essa produção científica que se classifica como História da Educação Especial, segundo veiculada nos CBEEs, como tem sido produzida teórico-metodologicamente e quais tendências verificadas em suas escolhas temáticas e historiográficas. Afinal, a demarcação desse novo eixo temático nas duas últimas edições dos CBEEs revela, portanto, uma novidade nas investigações do campo da Educação Especial, podendo-se afirmar que está em constituição um novo lugar de produção acadêmico-científica, ou mesmo um subcampo híbrido, referente à historiografia da Educação Especial (BEZERRA; FURTADO, 2017). Esse processo demanda, portanto, ser estudado e acompanhado, por meio de estudos como o que aqui é proposto. Empreender tal escrutínio analítico é, portanto, o escopo deste artigo, além do simples levantamento bibliográfico.

## 2. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, cuja natureza é a de uma pesquisa básica, porque não busca realizar aplicações práticas, voltadas para a solução de algum problema específico. Quanto aos objetivos, é uma pesquisa exploratório, pois tem como intuito caracterizar o perfil da produção científica em História da Educação Especial, a partir de publicações dos CBEEs, de maneira a se produzirem dados capazes de subsidiar e justificar a proposição de outros estudos. Por fim, quanto aos procedimentos, a pesquisa é bibliográfica (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Para operacionalizá-la, foi realizado um levantamento bibliográfico como forma de coleta de dados, por meio da consulta aos anais dos CBEEs nas duas últimas edições (2016 e 2018), disponíveis *online*. Tal consulta foi facilitada pelo fato de que os anais dos CBEEs de 2014, 2016 e 2018 já estão alojados no mesmo endereço eletrônico (<https://proceedings.science/cbee>).

Com o acesso ao *site*, foi localizado, em cada um desses anos, o eixo História da Educação Especial, cujos respectivos trabalhos foram inventariados, armazenados pelo pesquisador em um banco de dados e lidos na íntegra, sendo todos trabalhos científicos completos, com extensão normatizada de 20 a 30 mil caracteres com espaço, conforme as exigências do congresso. Para o tratamento analítico do material compilado, buscou-se delimitar temáticas, procedimentos metodológicos, fontes históricas, recortes temporais e referenciais teóricos-epistemológicos considerados em cada texto. Nesse processo, é necessário esclarecer que a categorização temática das pesquisas indicadas nesse eixo foi produzida exclusivamente pelo pesquisador, com base no(s) assunto(s) abordado(s) com maior ênfase em cada uma, após leitura cuidadosa e cotejo delas entre si, ao passo que as demais informações, quando disponíveis, foram apenas extraídas ou adaptadas do material inventariado. Os resultados obtidos são evidenciados em seguida, com base nos anais do CBEE de 2016 e 2018.

### 3. Resultados e discussões

Em 2016, com a realização da VII edição do CBEE, foram, ao todo, publicados 913 trabalhos científicos referentes ao grande campo da Educação Especial, distribuídos em 28 eixos temáticos, um dos quais era o de História da Educação Especial. Nesse eixo, foram enquadrados 24 trabalhos, o que representou, portanto, cerca de 2,63% de toda a produção científica do evento. Dois desses textos estavam inscritos, originalmente para outros eixos temáticos, conforme indicado no próprio material (ALVES; CAMPOS; ALVES, 2016; COSTA; PICHARILLO; PAULINO, 2016). Como o trabalho de Alves, Campos e Alves (2016) não foi produzido ou reconhecido por seus autores como um texto que pudesse ser enquadrado como pesquisa histórica, já que, a princípio, escolheram outro eixo temático e não endossaram essa abordagem metodológica, optou-se por excluí-lo da análise. Em contrapartida, manteve-se o texto de Costa, Picharillo e Paulino (2016) por, efetivamente, abordar aspectos históricos da cegueira, conforme indicado desde o título e palavras-chave, bem como pelo fato de os autores reconhecerem, de modo explícito, nos procedimentos metodológicos, que “esta pesquisa também tem um caráter historiográfico [...]” (COSTA; PICHARILLO; PAULINO, 2016, p. 3).

Já em 2018, na VIII edição do evento, foram publicados 791 trabalhos, organizados também em 28 eixos temáticos, inclusive o de História da Educação Especial, este com o quantitativo de 17 textos, todos inscritos diretamente para esse eixo, representando apenas 2,15% de todas as publicações do VIII CBEE. Assim, ao todo, foram considerados 40 trabalhos, oriundos dessas duas edições do evento.

De início, os números encontrados já são um indício marcante do lugar de pouca expressividade atribuída, no campo mesmo da Educação Especial, à história dessa modalidade educacional e de seu público-alvo. Na concepção de Bezerra e Furtado (2017, p. 3), tal situação poderia ser mais bem compreendida porque, para os estudiosos que têm se envolvido com a produção historiográfica acerca dessa temática,

[...] o Congresso Brasileiro de Educação Especial (CBEE), pelas suas características, voltadas, precipuamente, para “atender a demanda emergente por novas práticas decorrente da diretriz política educacional de inclusão escolar adotada pelo país”<sup>1</sup>, como também para a discussão sobre perspectivas de atendimento educacional especializado às diversas deficiências, condições atípicas e/ou necessidades educacionais especiais, não seria, portanto, a melhor opção [...]. Por ora, registre-se apenas que os CBEEs não firmaram, pelas próprias exigências pragmáticas, terapêuticas e político-pedagógicas do campo da Educação Especial e pela formação dos pesquisadores nele envolvidos, uma tradição “legítima” de trabalhos com foco nas dimensões históricas dessa modalidade de ensino.

Os dados numéricos atestam, portanto, essa constatação e validam a tese de Bezerra e Furtado (2017) de que a maior produção sobre História da Educação Especial vinha sendo direcionada, de modo tático, para outros eventos, em particular o também já consolidado Congresso Brasileiro de História da Educação. Este, “Desde o ano 2000, com periodicidade bienal, [...] é realizado, no Brasil, pela Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), em parceria com universidades e programas de pós-graduação *stricto sensu* que tenham reconhecida contribuição nos estudos e pesquisas em História da Educação” (BEZERRA; FURTADO, 2017, p. 2). Não obstante, ainda que pouco expressivos, os trabalhos referentes à historicidade e historiografia da Educação Especial estão, também, encontrando, nos últimos anos, algum espaço no CBEE, o que pode renovar a própria modalidade em questão e trazer-lhe novos interesses investigativos que ajudem a compreender e explicar sua constituição, seus saberes, seus fazeres, seus agentes, suas práticas culturais e suas representações.

Isso se evidencia, pois, na própria categorização temática dos textos, que, após serem escrutinados e cotejados entre si, foram classificados em um universo de doze categorias distintas, as quais emergiram dos assuntos neles tratados, sendo que um mesmo texto, a depender de seu(s) conteúdo(s) principal(is), pôde ser classificado de uma a três categorias. Por isso, a soma total dos números não resulta nos quarenta trabalhos, considerados em números absolutos na metodologia. Assim, foram criadas as categorias *História e/das Política (s) de Educação Especial* (n=14); *História das instituições de Educação Especial* (n=8); *História da educação de Surdos* (n=7); *História Local da Educação Especial* (n=7); *Trajetória acadêmica e/ou profissional de educadores destacados na História da Educação Especial brasileira* (n=6); *História da educação de cegos* (n=5); *Inclusão X Exclusão e/na história da Educação Especial* (n=4); *História da Formação de Professores da Educação Especial* (n=4); *Psicologia e/na História da Educação Especial* (n=3); *Atendimento escolar hospitalar e/na História da Educação Especial* (n=2); *História dos cegos e da Cegueira* (n=1) e *Análise da produção historiográfica em Educação Especial* (n=1).

Conforme se depreende, a categoria temática *História e/das Políticas de Educação Especial* é a mais expressiva, o que sugere ser a questão das mudanças e configuração das políticas educacionais uma preocupação constante no campo da Educação Especial, ao mesmo tempo em que explicita um entendimento estereotipado do processo histórico, circunscrito, fundamentalmente, a partir de aspectos legais, cronológicos e políticos, destacando-se as políticas públicas oficiais, a análise da legislação pertinente e as ações governamentais na área. É válido mencionar que, em Bezerra e Furtado (2017), categoria temática similar a essa, designada pelos autores como *Estado e História das Políticas Públicas de Educação Especial/Inclusão Escolar*, também foi uma das mais destacadas, em segundo lugar de uma listagem de 7 categorias, corroborando o exposto.

<sup>1</sup> Trecho extraído de uma notícia, conforme indicam os autores do artigo. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – UFSCAR. UFSCar sedia eventos que abordam diversos aspectos da educação especial. 16 jul. 2012. Disponível em: <<http://www.nepedees.ufscar.br/memorias-1/eventos-gerais/Evento,%20atividades/vi-congressobrasileiro-de-educacao-especial-ix-encontro-nacional-dos-pesquisadores-da-educacaoespecial>>. Acesso em: 27 abr. 2017

No presente estudo, a maior parte dos trabalhos reunidos sob o epíteto de *História e/das Políticas de Educação Especial* teve como foco o próprio contexto nacional, entendido, por sua vez, como reflexo e decorrência das proposições e acordos internacionais nesse campo (LOBATO, 2016; COSTA; BELMIRO; MUNSTER, 2016; SOUZA; DUTRA, 2016; ANDRADE et al., 2016; AMORIM, 2016; DUARTE, 2016; BATISTA; PAIVA; SOUZA, 2018; SILVA; ARAÚJO, 2018; CARDOSO; MARTÍNEZ, 2018; ARAÚJO; FONSECA, 2018; PINTOR, 2018). Alguns dos textos enquadrados nessa categoria, com recortes temporais diferentes, situaram, ainda, contextos locais, como municípios, antigos territórios ou estados brasileiros, no âmbito das políticas e legislações implementadas, no Brasil, sobre a Educação Especial, o que, por sua vez, revela certo crescimento da tendência de se produzir, também, uma História Local dessa modalidade de ensino, como uma nova forma de se entendê-la (LOBATO, 2016; COSTA; BELMIRO; MUNSTER, 2016; MERCADO; FUMES, 2016; SIEMS, 2016; BORGES; SILVA; OLIVEIRA, 2018). Não obstante, de modo geral, os achados deste artigo são similares aos de Santos e Mendes (2016) sobre as características da produção historiográfica em Educação Especial, por quanto aqui também fica reiterado que:

Ao longo da trajetória da Educação Especial sua história foi escrita, principalmente, com base em documentos oficiais publicados pelo governo federal, estadual e municipal, com clara tendência de destacar os acontecimentos de impacto político em âmbito nacional. Esta história “oficial” tem sido retomada em diversos trabalhos, sobretudo para apresentar o contexto histórico da Educação Especial brasileira (SANTOS; MENDES, 2016, 8).

A segunda categoria temática mais frequente foi a *História das instituições de Educação Especial*, ainda assim com pouco mais da metade da primeira. A tentativa de historicizar as instituições educacionais e ou assistenciais que se ocuparam dessa área tem despontado como uma possibilidade inovadora para a inteligibilidade das práticas, representações e sujeitos da Educação Especial ao longo do tempo, em diversos espaços e cenários, além do famigerado “breve histórico” ou narrativas excessivamente macroanalíticas, nas quais as especificidades institucionais são perdidas ou diluídas. Ao que parece, nesse caso, a Educação Especial começa a receber a influência das pesquisas já consagradas em História da Educação no tocante à História das Instituições Escolares/Educacionais e dos estudos sobre História da Cultura Escolar. Afinal, “Nas duas primeiras décadas do século XXI, a história das instituições escolares ganhou terreno entre os historiadores e pesquisadores da História da educação” (LEAL, 2018a, p.1), tanto que, conforme os dados de Bezerra e Furtado (2017), *História das Instituições e Práticas Educacionais Especializadas* foi a categoria temática mais recorrentes nos CBHEs. Conforme citam:

A categoria “História das Instituições e Práticas Educacionais Especializadas” tem sido a mais promissora nos estudos sobre História da Educação Especial, ao se analisar toda a produção referente a essa temática nos CBHEs ocorridos entre 2000 e 2015, acompanhando uma tendência mais ampla da historiografia educacional, que, desde os anos de 1990, no Brasil, tem se empenhado significativamente na (re) construção da história e memória das instituições escolares e/ou educativas, especialmente pelo impacto da renovação historiográfica promovida pela vertente da Nova História Cultural e mesmo de interpretações menos ortodoxas do marxismo (BEZERRA; FURTADO, 2017, p. 9).

Os trabalhos encontrados no CBEEs em questão tiveram, porém, um foco mais restrito à história das instituições educacionais voltadas para surdos e cegos (SANTOS, 2016; TORRES, 2016; BOSCO; SOFIATO, 2016; ESTIMADO; SOFIATO, 2016; LEAL, 2018a). Tal prevalência pode estar associada ao fato de que, no Brasil, origem de tais instituições remonta ao segundo reinado do Império, sendo as primeiras a serem constituídas pela iniciativa oficial (JANNUZZI, 2006). Tais contingências podem ter contribuído para que esses grupos, ao longo do tempo, tenham se organizado perante a sociedade e o poder público, inclusive com a criação de espaços educacionais para seu

atendimento pela iniciativa filantrópica e ou governamental. Por isso, aliás, a expressão considerável de pesquisas que abordaram a História da Educação de Cegos e História da Educação de Surdos, pois alguns dos textos classificados nessas categorias estão, também, relacionados às instituições onde esses sujeitos eram educados. Nesse sentido, o Instituto Benjamin Constant (antigo Imperial Instituto dos Meninos Cegos) e o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) (antigo Imperial Instituto dos Surdos-Mudos), ambos fundados pelo governo imperial de D. Pedro II, respectivamente em 1854 e 1857, como as primeiras instituições do país especializadas nesses segmentos (JANNUZZI, 2006), são tematizados no trabalho de Estimado e Sofiato (2016). Já o trabalho de Bosco e Sofiato (2016) foca especificidades apenas do Imperial Instituto dos Surdos-Mudos. Outra instituição criada para educação de cegos e surdos, na segunda metade do século XIX, foi enfocada por Torres (2016), referente, no entanto, ao cenário espanhol, mais precisamente em Santiago de Compostela. O teor desse trabalho traz indícios do imbricamento entre a constituição da História da Educação Especial brasileira e europeia, tanto que Estimado e Sofiato (2016, p. 10) também demarcam a semelhança entre os institutos franceses para esse mesmo público e os correspondentes institutos brasileiros do século XIX, haja vista que “[...] a sua organização e a relação oficial assumida com o Império alguns anos após a fundação os enquadram em uma categoria única para o Segundo Reinado, podendo ser aproximada das Institutions d’État francesas”.

Ainda sobre essa categoria temática, chama a atenção que apenas um trabalho tenha se voltado para a história de uma instituição escolar municipal de Educação Especial, direcionada, principalmente, para alunos excepcionais com deficiência mental<sup>1</sup> (FERRAZ; SILVA, 2018). No entanto, é mister ressaltar que várias dessas escolas existiram/existem no Brasil, criadas, ao longo da segunda metade do século XX, principalmente por instituições de caráter privado-filantrópico, a exemplo das Sociedades Pestalozzi e Associações de Pais e Amigos de Excepcionais (APAEs). Essas instituições muito se destacaram no segmento da deficiência mental, tornando-se influentes e bastante conhecidas no cenário político-educacional brasileiro (BEZERRA, 2017; JANNUZZI, 2006; JANNUZZI; CAIADO, 2013; RAFANTE, 2011). Há, portanto, no âmbito do CBEES, um silenciamento não só acerca da história e memória de instituições educacionais para pessoas com deficiência intelectual, como também daquelas para sujeitos com deficiência física, transtornos do espectro autista e altas habilidades/superdotação, uma vez que essas condições, historicamente, têm composto o público-alvo da Educação Especial. Por sua vez, o trabalho de Santos e Mendes (2018, p.1) empreende inovação teórico-metodológica nesse campo, ao tomarem como “[...] objetivo descrever e analisar matérias de jornais que versam sobre o papel das instituições especializadas de cunho filantrópico, no estado de São Paulo, abrangendo o período de 1997 a 2004”, libertando-se da crônica meramente oficial da História da Educação Especial. E, por fim, também se diferencia dos demais o estudo de Avila (2018), na medida em que investiga como uma escola municipal da rede pública comum de ensino foi, em sua historicidade e nas suas especificidades institucionais, assumindo uma perspectiva educacional inclusiva. Trata-se de uma temática pouco considerada nas pesquisas sobre história das instituições escolares, talvez por ser ainda recente a interface estabelecida entre a Educação Especial e Educação Inclusiva, porquanto isso remonta aos anos de 1990.

Ainda entre as categorias mais recorrentes, *História da Educação de Surdos*, é representada pelos estudos de Lobato (2016), Torres (2016), Estimado e Sofiato (2016), Andrade et al. (2016), Bosco e Sofiato (2016), Seixas, Souza e Nascimento (2018) e Seixas, Barros e Miranda (2018). Nesse grupo, estão trabalhos que apresentam aspectos históricos sobre a escolarização de estudantes surdos, como práticas e métodos pedagógicos adotados em diferentes temporalidades, principalmente em sua vinculação a alguma instituição especializada, como o mencionado Imperial Instituto dos Surdos-

<sup>1</sup> Termos como excepcionais e deficiência mental foram correntes ao longo do século XX. Devido à discussão histórica, foram reproduzidos neste texto, conforme a fonte citada. Na atualidade, porém, são tidos como ultrapassados e imprecisos, preferindo-se, então, o emprego da expressão pessoa ou aluno com deficiência intelectual.

Mudos, hoje INES, destacando-se o oralismo como proposta de ensino (BOSCO; SOFIATO, 2016; ESTIMADO; SOFIATO, 2016; SEIXAS; SOUZA; NASCIMENTO, 2018; SEIXAS, BARROS; MIRANDA, 2018). Como instituição primeva na educação de surdos no Brasil, esse resultado era esperado, pois “O Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) é objeto de muitas pesquisas na área de surdez” SEIXAS; SOUZA; NASCIMENTO, 2018, p. 2), e isso se projeta, agora, para a dimensão histórica, também renovando tais pesquisas. Ainda nessa categoria, Lobato (2016) enfatizou a processualidade histórica da educação de surdos na rede municipal de ensino de Breves-PA, considerada uma escola-polo no atendimento a pessoas com surdez, o que sugere a tentativa de compreender as políticas e práticas da Educação Especial conforme elas se constituem localmente e, também, mediante determinada cultura institucional. E, por fim, Andrade et al. (2016) abordam o ingresso de professores surdos da disciplina Libras nas instituições Federais de Ensino, abrindo caminho para se pensar questões referentes à formação e atuação desses professores. Em suma, há expressão significativa dos estudos referentes a essa temática, o que também já fora ratificado no trabalho de Bezerra e Furtado (2017), no qual a categoria *História da Educação de Surdos* também ficou em terceiro lugar. Pautando-se em Ferreira e Bueno (2011), Bezerra e Furtado (2017, p. 10) concluem que “De fato, os estudos em torno da educação de surdos têm sido muito frequentes, com a emergência da proposta de inclusão escolar a partir da década de 1990, como já apontaram outros balanços bibliográficos da área de Educação Especial”. Contudo, do ponto de vista historiográfico, não se pode perder de vista que ainda há muito a se fazer, porquanto:

Nos últimos anos, foi possível verificar um aumento de pesquisas na área da educação de surdos. As investigações relacionadas com estudos históricos, por sua vez, ocupam uma posição periférica nesse contexto, mostrando que a história não tem sido uma ferramenta privilegiada na educação de surdos (BOSCO; SOFIATO, 2016, p. 1).

Com a mesma quantidade de pesquisas que a categoria *História da Educação de surdos*, *História Local da Educação Especial* reúne trabalhos que, ao abordarem, em determinado período, políticas, ações e práticas dessa modalidade de ensino, fazem-no, obrigatoriamente, de modo a circunscrever, na análise, o espaço-tempo de municípios ou até mesmo de estados do Brasil (LOBATO, 2016; COSTA; BELMIRO; MUNSTER, 2016; MERCADO; FUMES, 2016; SIEMSMARCONDES, 2016; BORGES; SILVA; OLIVEIRA, 2018; CRUZ; NUNES; SOUZA, 2018; NASCIMENTO; REDIG, 2018). Antes de se prosseguir, é mister ressaltar, aqui, que a História Local é entendida, neste texto, para os propósitos de categorização temática, como:

A História Local é a história que trata de assuntos referentes a uma determinada região, município, cidade, distrito. Apesar de estar relacionada a uma história global, a história local se caracteriza pela valorização dos particulares, das diversidades; ela é um ponto de partida para a formação de uma identidade regional. Ela tem sido compreendida como “história do lugar”. Nesse aspecto, a localidade tem-se tornado objeto de investigação e ponto de partida para a produção de conhecimentos sobre o passado (BARROS, 2013, p. 314).

Os textos assim classificados registram íntima conexão com a categoria Política(s) de Educação Especial, haja vista o intuito de se explicar como proposições político-governamentais e normativas legais impactavam, localmente, a estruturação e funcionamento de agências e serviços especializados. Isso explica, também, sua quantidade significativa dentre o universo de publicações aqui consideradas. Ademais, chama a atenção, entre esses trabalhos, o fato de que as localidades consideradas serem pertencentes, no Brasil, principalmente à região Nordeste, já que Costa, Belmiro e Munster (2016) se propõem a discorrer sobre a história da Educação Especial de um município do interior da Bahia; Mercado e Fumes (2016) narram as mudanças ocorridas na Educação Especial de Maceió - AL, com as transformações político-educacionais que levaram da implantação das classes

especiais às salas de recursos multifuncionais em escolas comuns da rede municipal de ensino; ao passo que Cruz, Nunes e Souza (2018) apresentam dados sobre a História da Educação Especial em Sergipe. Já localidades das regiões Norte e Sudeste do país aparecem com a mesma quantidade de trabalhos, sendo 2 para cada região. Assim, Siems-Marcondes (2016) aborda processos de implantação dos serviços especializados de Educação Especial no antigo território federal de Roraima, e Lobato (2016) analisa o processo histórico da Educação Especial no município de Breves-PA. No caso do Sudeste brasileiro, Borges, Silva e Oliveria (2018) discutem sobre as fases da Educação Especial no estado de Minas Gerais, enquanto Nascimento e Redig (2018) investigam a trajetória histórica da Educação Especial no Município de Queimados, no estado do Rio de Janeiro. Diante desse panorama, causa certa estranheza que localidades de outras regiões, como Sul e Centro-Oeste, sequer tenham aparecido como objeto de estudo nos trabalhos do eixo de História da Educação Especial, posto ser este um evento nacional e já bastante conhecido em sua área de abrangência. Mesmo a região Sudeste é pouco abordada pelos textos apresentados, embora o CBEE seja realizado em São Carlos-SP e essa região concentre grande parte dos programas brasileiros de pós-graduação em Educação, além do único programa de pós-graduação em Educação Especial, situado na UFSCar.

Destarte, se a História Local da Educação Especial traz contribuições inovadoras para esse campo de estudos, há, porém, necessidade de maiores investimentos de pesquisa em relação a essa abordagem por todo o país, o que evidencia a necessidade de maior conexão entre as inovações teórico-metodológicas da História da Educação e a Educação Especial, passando, inclusive, pela mediação da História do Cotidiano, dimensão historiográfica praticamente inexplorada nos estudos em questão, salvo o estudo de Siems-Marcondes (2016), comprometendo seu potencial renovador. Com a incorporação de perspectivas mais articuladas com a História do Cotidiano, pode-se ter o afastamento de uma concepção de história baseada na evolução cronológica e normativa de políticas educacionais oficiais, meramente reproduzidas no plano local e regional. Em contrapartida, faz-se “[...] emergirem as tensões sociais do dia a dia, as formas improvisadas de lutas, de resistência e de organizações diferentes das estabelecidas pelo poder institucional” (BARROS, 2013, p. 309), “[...] dando voz a atores sociais tradicionalmente excluídos e marginalizados, o que permite uma maior compreensão das estruturas sociais e suas transformações” (BARROS, 2013, p. 309). Nesse sentido, é preciso ponderar que:

A História Local geralmente se liga à História do Cotidiano ao fazer as pessoas comuns participantes de uma história aparentemente desprovida de importância e estabelecer relações entre os grupos sociais de condições diversas que participaram de entrecruzamentos de histórias, tanto no presente quanto no passado (BARROS, 2013, p. 315).

Na sequência do exposto, emerge a categoria temática *Trajetória acadêmica e/ou profissional de educadores destacados na História da Educação Especial brasileira*. Mediante histórias de vida e da história de intelectuais desse campo, com suas ideias e ações, tal categoria também traz destacado potencial heurístico para a inteligibilidade do campo da Educação Especial no Brasil. Isso porque permite compreender sua própria configuração histórica, o papel de seus agentes, para além da narrativa oficial, e o modo como mobilizaram práticas e representações nessa modalidade educacional, difundindo determinados modelos e concepções de ensino ao longo do tempo. Assim, nessa categoria, foram elencados trabalhos que versaram sobre a atuação de Helena Antipoff (ROCHA; TARTUCI, 2016; BORGES; CAMPOS, 2016), Ana Rímoli de Faria Dória (SEIXAS; BARROS; MIRANDA, 2018; SEIXAS; SOUZA; NASCIMENTO, 2018), Eniceia Gonçalves Mendes (ZUTIÃO et al., 2016) e Maria Amelia Almeida (BARRETO et al., 2016). Esses achados permitem depreender que há um discreto movimento no campo da Educação Especial de se correlacionar, historicamente, a vida e o trabalho de educadoras e pesquisadoras dessa área, tanto daquelas que atuaram no século XX e já morreram, sendo, atualmente, conhecidas por seu influente

e duradouro legado, a exemplo de Antipoff e Rímoli, como de profissionais que ainda estão vivas e ou atuando, cuja atividade acadêmica e educacional já se constitui substancial na demarcação e reconhecimento hodierno do próprio campo, como é o caso de Mendes e Almeida, referências na área. Investimentos como esse, ainda iniciais, como também atestado por Bezerra e Furtado (2017), podem ser uma via importante para se saber mais, no Brasil, acerca da formação docente, das políticas, concepções e práticas de ensino já adotadas na educação de pessoas com deficiência, altas habilidades e transtornos globais do desenvolvimento, inclusive em conexão com aspectos da História Local, da História do Cotidiano, da História das Instituições e da própria História da Formação docente nesse campo, o que, ademais, permitirá não se sucumbir à visão tradicional de se pesquisar apenas os grandes ícones ou nomes célebres, mas também educadores considerados comuns ou de referência apenas em suas localidades.

*História da educação de cegos* foi outra categoria temática emergente, com 5 trabalhos, sendo a maior parte deles vinculados, também, à História de Instituições para Cegos (SANTOS, 2016; ESTIMADO; SOFIATO, 2016; LEAL, 2018a), o que, como dito, remonta ao período imperial brasileiro, justificando o interesse na temática e suas marcas no campo. Apenas Almeida et al. (2016) não se fixaram em uma determinada instituição para esse público, explorando “[...] uma construção histórica sobre o ensino ajustado à percepção tátil a partir do olhar de uma licencianda em química, durante sua formação docente” (ALMEIDA et al., 2016, p. 1). Já o trabalho de Torres (2016) também evocou, historicamente, a educação de cegos em contexto institucional, porém no caso espanhol. Esses dados sugerem que, mesmo discretamente, se avança na historiografia da educação de cegos no Brasil, pois essa categoria sequer emergiu no estudo de Bezerra e Furtado (2017, p. 11), segundo os quais “A deficiência visual/cegueira, de modo indireto ou como pano de fundo [...]”, mal se fez notar na produção dos CBHEs. Há, certamente, diversas outras instituições e processos educacionais referentes à história da educação e ensino de cegos que precisam ser tomados como objeto de estudo, de modo que, por ora, essa categoria apenas expressa uma potencialidade do campo. Nesses termos, é necessário destacar, ainda, que foi criada outra categoria específica relacionada aos cegos, qual seja, *História dos cegos e da Cegueira*, posto que o único texto enquadrado nessa classificação não fazia referência à escolarização desse segmento, a uma instituição educativa em particular ou a quaisquer propostas educacionais, mas sim teve como escopo “[...] conhecer o processo de inserção social da pessoa cega na história da Antiguidade Clássica e Antiguidade Oriental” (COSTA; PICHARILLO; PAULINO, 2016, p. 2). Tal perspectiva sugere a possibilidade de aproximação da Educação Especial a estudos históricos de longa duração e ou de estudos históricos comparados, bem como a aspectos da sociologia e da História Social da deficiência, que poderiam ser explorados em pesquisas futuras para ampliar o diálogo do campo com outras frentes e abordagens de estudo, em uma visão interdisciplinar.

Os textos de Souza e Dutra (2016), Oliveira, Jacques e Ferreira (2016), Cosmo et al. (2016) e Pintor (2018) foram elencados na categoria *Inclusão X Exclusão e/na história da Educação Especial*, haja vista que tiveram como discussão precípua a antinomia inclusão e exclusão dos sujeitos com deficiência na própria sociedade e educação, sem uma preocupação definida em relação a lugares, segmentos desse público, temporalidades, instituições, práticas e ou agentes educacionais. Pelo teor desses textos, alguns se vincularam, também, às discussões sobre a(s) política(s) de Educação Especial (SOUZA; DUTRA, 2016; PINTOR, 2018), revelando que a problemática da inclusão e exclusão educacional é uma tensão permanente nos estudos em Educação Especial, diante do avanço da perspectiva da Educação Inclusiva na cerne de uma sociedade capitalista, preconceituosa e excludente, como a brasileira.

A categoria *História da Formação de Professores da Educação Especial* teve, também, apenas 4 pesquisas (ANDRADE et al., 2016; MURCIA; RAHME, 2018; SEIXAS; SOUZA; NASCIMENTO, 2018; SEIXAS; BARROS; MIRANDA, 2018). Logo, apresentou uma frequência bem modesta, próximo do que também revelou o estudo de Bezerra e Furtado (2017), no qual uma

categoria similar, designada *História da Formação e do Trabalho Docente em Educação Especial*, ficou em quarto lugar. É interessante notar que, desse quantitativo, três referem-se a questões na área da surdez, como estudo das traduções de livros usados em cursos de formação de professores de surdos no INES (SEIXAS; BARROS; MIRANDA, 2018), análise de diários de classe do Curso de Especialização de Professores de Surdos também do INES (SEIXAS; SOUZA; NASCIMENTO, 2018), bem como a organização e trabalho docente de professores surdos no ensino de Libras (ANDRADE et al., 2016). Vê-se, assim, a reiteração da temática da surdez, das políticas formativas e das instituições que se ocuparam dessa deficiência ao longo do tempo, de modo que, embora a categoria *História da Formação e do Trabalho Docente em Educação Especial* seja estratégica para se compreender a historicidade da Educação Especial no Brasil, ainda está sub explorada pelos pesquisadores, até porque não houve textos sobre a formação docente para atuação com outras deficiências, lacuna essa que precisa ser considerada no campo. O outro texto agrupado ainda nessa categoria versou sobre aspectos histórico-políticos da formação de professores da Educação Especial de modo genérico, no cenário colombiano (MURCIA; RAHME, 2018). Há que se ressaltar a importância de mais investimentos nessas pesquisas que capturem a história da formação de educadores especializados por meio do estudo das disciplinas ministradas nos cursos com essa finalidade, dos livros e materiais didáticos neles adotados, dos seus registros escolares e institucionais, dos objetos da cultura material escolar empregados e da imprensa periódica, dentre outras tantas possibilidades.

Já no espectro das categorias menos frequentes, *Psicologia e/na História da Educação Especial* contou com apenas 3 produções, muito embora o tema mereça mais investigações do ponto de vista historiográfico, porquanto a própria Educação Especial constituiu-se a partir do legado da Psicologia e de outros saberes médico-psicopedagógicos (JANNUZZI, 2006; RAFANTE, 2011). Assim sendo, um dos trabalhos desse enfoque discorre sobre aspectos históricos da introdução da Psicometria e dos testes mentais no Brasil (FERREIRA, 2016), ao passo que os demais tematizam a influência e ressignificação da Psicologia de Alfred Adler para a Educação Especial (LEAL, 2016, 2018b). Por seu turno, *Atendimento escolar hospitalar e/na História da Educação Especial* é uma categoria na qual os textos citam aspectos históricos, legais e normativos referentes à classe hospitalar como serviço pedagógico de atendimento especializado no país (ARAÚJO; FONSECA, 2018; OLIVEIRA, 2018). Trata-se, porém, de uma temática marginalizada e em posição ambígua no seio da própria Educação Especial, nem sempre considerada pertencente ao campo. Daí sua pouca expressividade, o que, aliás, torna ainda mais instigante a proposição de pesquisas historiográficas a esse respeito. Finalmente, a categoria *Análise da Produção historiográfica em Educação Especial*, importante para se mensurar o estado dessa produção e vislumbrar suas características, teve apenas um texto a ela associado (SANTOS; MENDES, 2016), haja vista que a preocupação com o balanço da produção historiográfica e seu desenvolvimento nesse campo parece receber pouquíssimo investimento dos pesquisadores, atualmente mais focados nas políticas e práticas de inclusão escolar do público-alvo da Educação Especial, em detrimento de outras temáticas. Dessa forma, Santos e Mendes (2016, p. 7) constatam, tal como aqui evidenciado, que “No decorrer da trajetória da Educação Especial brasileira, algumas histórias foram produzidas, porém, ainda há muitas outras que podem e precisam ser investigadas”, “[...] de forma a contribuir para a construção de histórias sob diversas perspectivas” (SANTOS; MENDES, 2016, p. 1)

Todavia, o avanço da pesquisa historiográfica nos domínios da Educação Especial tem esbarrado na dificuldade e no desconhecimento técnico dos pesquisadores que se propõem a essa tarefa, pois, em geral, não são historiadores de formação ou de ofício, mas profissionais dessa área especializada (RAFANTE, 2011), com outras preocupações e demandas em seu espaço de atuação, o que acaba se traduzindo no acúmulo de fragilidades teórico-metodológicas de sua produção científica com apelos históricos. Conforme Bezerra e Furtado (2017, p 6), “Esses, a rigor, não possuem formação ou tradição nos domínios da ciência histórica, de modo que isso evidencia um óbice para o desenvolvimento de estudos no âmbito da própria historiografia da Educação Especial”.

Logo, “Nesse caso, é mister entender que há, principalmente, o problema básico do saber-fazer historiografia(s) no âmbito da Educação Especial” (BEZERRA; FURTADO, 2017, p. 6). Disso decorre que, ao se analisar o delineamento metodológico dos estudos vinculados ao eixo da História da Educação Especial nos CBEEs, nota-se que, muitas vezes, sequer fazem uso de abordagens metodológicas da pesquisa histórica propriamente dita, corroborando o exposto.

Diversos estudos mencionam, com discretas variações nas nomenclaturas utilizadas, como sua metodologia precípua, a análise/pesquisa/levantamento documental e estudo/levantamento/análise/revisão/pesquisa bibliográfico(a) combinados(as) (ESTIMADO; SOFIATO, 2016; LOBATO, 2016; SOUZA; DUTRA, 2016; MERCADO; FUMES, 2016; AMORIM, 2016; DUARTE, 2016; ARAÚJO; FONSECA, 2018; BORGES; SILVA; OLIVEIRA, 2018; PINTOR, 2018). Outros estudos explicitam apenas o uso da pesquisa, levantamento ou revisão bibliográfica (OLIVEIRA; JACQUES; FERREIRA, 2016; COSTA; PICHARILLO; PAULINO, 2016; ROCHA; TARTUCI, 2016; SANTOS; MENDES, 2016; OLIVEIRA, 2018; BATISTA; PAIVA; SOUZA, 2018; SILVA; ARAÚJO, 2018). Alguns trabalhos aludem à realização de pesquisa de cunho histórico (LEAL, 2016, 2018b; SEIXAS, SOUZA; NASCIMENTO, 2018); outros, somente citam a pesquisa/revisão/análise documental (AVILA, 2018; BOSCO; SOFIATO, 2016; MURCIA; RAHME, 2018; CARDOSO; MARTÍNEZ, 2018). Pesquisa histórica e bibliográfica aparece como a metodologia explicitada nos textos de Torres (2016) e Ferreira (2016). Por sua vez, Almeida et al. (2016) e Cruz, Nunes e Souza (2018) adotam o delineamento bibliográfico-documental e abordagens da pesquisa histórica. Nascimento e Redig (2018) referem-se à análise documental e ao estudo de caso como procedimentos metodológicos de seu estudo, enquanto Costa, Belmiro e Munster (2016) caracterizam o seu como pesquisa exploratória, do tipo estudo de caso, viabilizado pela análise de conteúdo categorial temática. Seixas, Barros e Miranda (2018) traçam o caminho da análise de conteúdo, com o levantamento documental e elaboração de mapas conceituais. Leal (2018a) afirma ter recorrido a uma pesquisa de caráter historiográfico em triangulação com a pesquisa documental e a história oral. A história de vida, articulada à história oral, é citada como a abordagem metodológica nos estudos de Barreto et al. (2016) e Zutião et al. (2016), ao passo que Ferraz e Silva (2018) reconhecem apenas o uso da metodologia de histórias de vida em seu texto. Já Santos (2016) insere sua pesquisa especificamente no âmbito metodológico da História Oral.

Somente um trabalho reconhece tomar “[...] por referência o materialismo histórico-dialético, na abordagem histórica de Edward Palmer Thompson [...], de uma ‘história vista de baixo’” (SIEMSMARCONDES, 2016, p. 4). Santos e Mendes (2018) relatam o desenvolvimento de pesquisa histórica, segundo os postulados da Nova História, mediante problematização e análise de dados realizadas com o emprego do *software e Atlas.ti*. Andrade et al. (2016) referem-se à adoção de um conjunto de metodologias para a realização de sua pesquisa, a saber: pesquisas estatísticas, próprias das pesquisas de caráter macrossociológico, pesquisa etnográfica e pesquisa documental. Finalmente, os estudos de Borges e Campos (2016) e Cosmo et al. (2016) não designam nominalmente a metodologia empregada.

Mediante os dados apresentados, fica perceptível que, embora os trabalhos analisados tenham sido publicados sob o eixo temático de História da Educação Especial, muitos deles ainda estão distantes, metodologicamente, da pesquisa histórica. Esta, ao que parece, é entendida, ainda, no universo da Educação Especial, muito mais como apêndice introdutório, contextualização de um determinado assunto, breve revisão ou “resgate histórico” de um tema pela retomada sintética de eventos ou acontecimentos históricos, sob marcos legais e políticos, do que uma operação historiográfica propriamente dita (CERTEAU, 1982). Um exemplo dessa constatação é o fato de Amorim (2016, p.1) citar textualmente que: “Como metodologia de pesquisa utilizou-se a revisão bibliográfica para a contextualização histórica e análise documental” e os dizeres de Borges, Silva e Oliveira (2018, p. 1), ao afirmarem que: “Esta pesquisa documental e bibliográfica, pautada em princípios qualitativos, consiste na investigação cronológica das principais leis e decretos que

permitiram a consolidação da educação inclusiva”. Em outras palavras, a grande prevalência de estudos com uso de metodologias de pesquisa alicerçadas na análise documental e ou bibliográfica, desconectadas do fazer historiográfico próprio da História da Educação, que não adota essas classificações metodológicas em si mesmas, atesta, mais uma vez, o distanciamento entre esses campos, apesar de serem ambos relacionados à pesquisa em Educação. Há que se ressaltar que a elevada frequência da pesquisa documental e bibliográfica é explicada, justamente, pela predominância da categoria temática *História e/da(s) Política(s) de Educação Especial*, somada aos números significativos, entre outros, das categorias referentes, sobretudo, à *História Local da Educação Especial e Inclusão X Exclusão e/na História da Educação Especial*. Boa parte dos textos nelas classificados se apoiou, basicamente, na mera recapitulação ou síntese de questões históricas dessa modalidade educacional, da oferta de seus serviços e de sua organização político-institucional, tanto local quanto nacional, recorrendo a documentos oficiais ou normativos e à bibliografia da área para apresentar resultados.

Ainda assim, começam a emergir novas compreensões do sentido da pesquisa histórica no âmbito da Educação Especial, quando se percebe, mesmo que inicialmente, o emprego de abordagens como as da História Oral e da História de Vida, ou o reconhecimento, por parte de alguns textos, da pesquisa histórica como condutora das investigações. Não obstante, a dificuldade ainda predominante na área da Educação Especial, quanto ao domínio técnico-operacional da pesquisa histórica e de seus métodos, reflete-se, como consequências previsíveis, na escolha e explicitação das fontes utilizadas pelos autores, na apresentação do recorte temporal adotado, bem como na demarcação de um referencial teórico-metodológico para conduzir as análises. No caso das fontes, pelo menos 12 trabalhos não a indicaram de modo específico, porque, na realidade, não correspondiam a um investimento historiográfico, mas a outras abordagens metodológicas. Apenas o tema desses textos mantinha relação com a História da Educação Especial, o que tornava até mesmo inaplicável a exigência de citação deliberada das fontes, tal como se entende na produção historiográfica, ou dos procedimentos heurísticos para sua obtenção, sendo muitos deles apenas pesquisas bibliográficas e ou documentais (OLIVEIRA; JACQUES; FERREIRA, 2016; COSMO et al., 2016; COSTA; BELMIRO; MUNSTER, 2016; COSTA; PICHARILLO; PAULINO, 2016; ANDRADE et al., 2016; ROCHA; TARTUCI, 2016; SANTOS; MENDES, 2016; OLIVEIRA, 2018; BATISTA; PAIVA; SOUZA, 2018; SILVA; ARAÚJO, 2018; ARAÚJO; FONSECA, 2018; PINTOR, 2018). Outros até indicaram suas fontes, mas na acepção da pesquisa documental (AMORIM; 2016; DUARTE, 2016; BORGES; SILVA; OLIVEIRA, 2018).

É válido ressaltar, aqui, que o mero fato de uma pesquisa voltar-se para temáticas históricas ou a eventos passados não é garantia para que seja, de fato, uma pesquisa histórica e que, além disso, o emprego de documentos, quaisquer que sejam, por si só, não define o fazer historiográfico, porquanto a pesquisa documental também recorre a documentos para ser efetivada. É o modo como o tema, o problema, as fontes e a temporalidade são inter-relacionados que define a pesquisa histórica e lhe dá especificidade, algo que ainda carece de ser apreendido pelos estudiosos da Educação Especial que desejarem realizar estudos com caráter historiográfico, se este for o intento, e não apenas com temática ou revisão históricas. Nesse sentido, a escolha das fontes e sua análise interpretativa, vale dizer, a heurística e a hermenêutica (RÜSEN, 2015), para dizer o mínimo, enquanto processos metodológicos, tornam-se procedimentos basilares no desenvolvimento da pesquisa histórica. Fontes essas que não precisam ser tão somente escritas e provenientes de esferas oficiais ou normativas, mas das mais diversas modalidades, como iconográficas, museológicas, orais, audiovisuais, dentre outras, haja vista o legado da revolução documental, introduzida pelo movimento renovador da Escola dos *Annales*, desde a primeira metade do XX (LE GOFF, 2013).

No caso dos trabalhos dos CBEEs que foram explícitos quanto às fontes adotadas, percebe-se, porém, a predominância destas tomadas enquanto documentos escritos, representados, principalmente, pelos documentos normativos, legais e político-institucionais, ainda que comece a se

manifestar uma abertura para fontes escritas não oficiais e ou até mesmo provenientes de outras modalidades, como aquelas oriundas da imprensa periódica, das fontes orais, iconográficas e da cultura material escolar. Isso pode ser lido como uma inovação no campo da Educação Especial, embora também se deva considerar que nem sempre os autores dos textos indicaram, em detalhes, quais essas fontes empregadas, como foram obtidas e problematizadas, preferindo apenas listá-las de modo genérico. A mesma situação fora observada também por Bezerra e Furtado (2017), ao caracterizarem as fontes utilizadas nas pesquisas que circularam nos CBHEs sobre História da Educação Especial. Ponderam os autores que:

Nesses termos, importa dizer também que nem todos os trabalhos compilados deixam claro a que fontes recorrem – o que tanto pode ser um indício da presença dos “cristãos-novos” no fazer historiográfico, [...], como, sobretudo, da fragilidade de algumas dessas propostas de comunicação em torno da área de História da Educação Especial –, alegando ter utilizado diversas fontes (BEZERRA; FURTADO, 2017, p. 12-13).

A fim de possibilitar uma visualização mais assertiva da tipologia e variedade das fontes adotadas, de modo mais fidedigno ao apresentado nos textos, dispõe-se, na sequência, um quadro com o propósito de relacionar as pesquisas com as fontes empregadas, sem o enquadramento destas em categorizações determinadas, “porque isso representaria atividade bastante arriscada, uma vez que, como se sabe, pesquisa historiográfica não se faz, geralmente, recorrendo-se apenas a uma ou duas fontes, mas a várias delas, sendo pouco possível e não recomendável a demarcação de hierarquias entre estas” (BEZERRA; FURTADO, 2017, p. 12).

**Quadro 1: Fontes citadas em textos sobre História da Educação Especial nos anais do CBEE (2016 e 2018).**

| Referência do Trabalho Científico | Fontes empregadas  |
|-----------------------------------|--|
| Almeida et al. (2016)             | Acordos e documentos do Ministério da Educação (MEC) sobre Atendimento Educacional Especializado no tangente ao ensino ajustado à percepção tátil.   |
| Avila (2018)                      | Fontes orais (entrevistas abertas), legislações, documentos institucionais escritos e fotografias institucionais.  |
| Barreto et al. (2016)             | Fontes orais (conversas informais) e escritas: memorial acadêmico e currículo Lattes.  |
| Borges e Campos (2016)            | Documentos escritos: programas das disciplinas cursadas por Helena Antipoff e fontes documentais primárias coletadas no Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff, localizado em Belo Horizonte, MG e no Instituto Jean-Jacques Rousseau, em Genebra, Suíça. |
| Bosco e Sofiato (2016)            | Almanaques publicados no período Imperial brasileiro (Segundo Reinado), Relatórios da Inspeção da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte e relatórios de diretores do Imperial Instituto dos Surdos-Mudos.  |
| Cardoso e Martínez                | Documentos normativos publicados pelo (MEC) e Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP) do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) e jornais de grande circulação.   |
| Cruz; Nunes e Souza (2018)        | Documentos oficiais, textos legais, recortes de jornais e revistas de época, além de jornais, leis, produção dos intelectuais sergipanos.  |
| Estimado e Sofiato (2016)         | Documentação de fundação dos primeiros institutos especializados na escolarização de surdos e cegos no Brasil Imperial, Relatórios Anuais produzidos pelos diretores dos institutos; Relatórios do Ministério do Império, além de                                    |

|                                   |   |
|-----------------------------------|---|
|                                   | correspondências oficiais entre membros dos institutos, circulares e os periódicos de instrução mais importantes da primeira metade do século XIX.  |
| Ferraz e Silva (2018)             | Jornal local.   |
| Ferreira (2016)                   | Periódicos especializados em educação e outros documentos escritos.   |
| Leal (2016)                       | documentos escritos: livros, artigos, cartas coletâneas.  |
| Leal (2018a)                      | Fontes orais e documentos institucionais.   |
| Leal (2018b)                      | Documentos escritos e do acervo pessoal da autora.  |
| Lobato (2016)                     | Documentos legais sobre a educação especial em âmbito nacional e documentos referentes à Educação Especial em Breves-PA.  |
| Mercado e Fumes (2016)            | Fontes orais: entrevistas semiestruturadas com gestores do Departamento de Educação Especial (DEE); e escritas: referenciais normativos, documentos oficiais da Secretaria Municipal de Educação (SEMED) e artigos jornalísticos da época de 1990-2000. |
| Murcia e Rahme (2018)             | Documentos escritos.  |
| Nascimento e Redig (2018)         | Fontes orais (entrevistas assistemáticas) e escritas: documentos oficiais municipais.   |
| Santos (2016)                     | Fontes orais (entrevistas) e documentos escritos: matérias de jornais e atas de reuniões da diretoria do Grupo de Voluntários, Copistas e Ledores para Cegos (GVCLC).   |
| Santos e Mendes (2018)            | textos publicados no jornal impresso “O Estado de S. Paulo”.  |
| Seixas; Barros e Miranda (2018)   | Documentos escritos, tais como relatórios, diários de classe, atas, jornais, legislação, livros, registro de imprensa, teses e dissertações; manuais e livros utilizados pelas normalistas como materiais didáticos em curso do INES.                   |
| Seixas; Souza e Nascimento (2018) | Diários de classe utilizados pelos professores em curso de Especialização do INES e outros documentos escritos, como: leis, atas, planos curriculares, manuais, anais.  |
| Siems-Marcondes (2016)            | Fontes orais: entrevistas com roteiro semiestruturado; e fontes provenientes de arquivos pessoais: documentos do cotidiano profissional como atas, relatórios, correspondências, fotografias, folhetos de divulgação de atividades, entre outros.       |
| Souza e Dutra (2016)              | Documentos da legislação brasileira ou resultantes de acordos internacionais, dos quais o Brasil é signatário.  |
| Torres (2016)                     | Documentos obtidos no “Archivo Histórico Universitario” - Espanha   |
| Zutião et al. (2016)              | Fontes orais (entrevista) e escritas: memorial acadêmico e currículo Lattes.  |

**Fonte:** Anais do CBEE (2016; 2018)/Organização e adaptação do autor.

Já no que concerne ao recorte temporal, outra marca da pesquisa histórica, este esteve indefinido ou não expresso sistematicamente pelos autores, na forma de um dado intervalo de tempo estipulado para a viabilização do estudo, em pelo menos 16 trabalhos (ALMEIDA et al., 2016; ANDRADE et al., 2016; SANTOS, 2016; LOBATO, 2016; BARRETO et al., 2016; BORGES; CAMPOS, 2016; SOUZA; DUTRA, 2016; TORRES, 2016; OLIVEIRA; JACQUES; FERREIRA, 2016; COSMO et al., 2016; MERCADO; FUMES, 2016; ROCHA; TARTUCI, 2016; ZUTIÃO et al., 2016; OLIVEIRA, 2018; SILVA; ARAÚJO, 2018; ARAÚJO; FONSECA, 2018). A mesma característica foi evidenciada por Bezerra e Furtado (2017, p. 15), segundo os quais “Em relação ao recorte temporal, nem todos os textos demarcam-no com clareza – outro indício de pouca familiaridade com a pesquisa histórica e suas características – ou dialogam com períodos diversos. Fica difícil, portanto, estabelecer categorias muito definidas”. Aqueles estudos que citaram os recortes temporais de modo

explícito e definido em um dado intervalo ou periodização temporal são relacionados no *Quadro 2*, como forma de demonstrar os dados neles apresentados, a saber:

**Quadro 2: Recortes ou períodos Temporais expressos em textos sobre História da Educação Especial nos anais do CBEE (2016 e 2018).**

| Referência do trabalho científico  | Recorte temporal/Período como explicitado no trabalho   |
|------------------------------------|---|
| Amorim (2016)                      | 1987-1988   |
| Avila (2018)                       | 1996 a 2002   |
| Batista; Paiva e Souza (2018)      | 1950 a 1973   |
| Bosco e Sofiato (2016)             | 1856 a 1889   |
| Cardoso e Martínez (2018)          | 1934 a 1963   |
| Costa; Belmiro e Munster (2016)    | 1998 a 2015   |
| Costa; Picharillo e Paulino (2016) | Antiguidade Clássica e Antiguidade Oriental   |
| Cruz; Nunes e Souza (2018)         | 1996 a 1998   |
| Duarte (2016)                      | 2006, 2008 e 2012   |
| Estimado e Sofiato (2016)          | período compreendido entre o início do Segundo Reinado (1840) e a Proclamação da República (1889) no Brasil |
| Ferraz e Silva (2018)              | 1987-2017   |
| Ferreira (2016)                    | primeiras décadas do século XX  |
| Leal (2016)                        | período entre 1922 e 1934   |
| Leal (2018a)                       | 1954 a 1990   |
| Leal (2018b)                       | 1919 a 1934   |
| Murcia e Rahme (2018)              | Final do século XIX a final do século XX  |
| Nascimento e Redig (2018)          | 1995 a 2018   |
| Pintor (2018)                      | A partir da última década do século XX  |
| Santos e Mendes (2016)             | 2005 a 2015   |
| Santos e Mendes (2018)             | 1997 a 2004   |
| Seixa; Barros e Miranda (2018)     | 1951 a 1961   |
| Seixas; Souza e Nascimento (2018)  | 1960 a 1961   |
| Siems (2016)                       | vigência do regime militar ditatorial no Brasil (1964 a 1985)   |

**Fonte:** Anais do CBEE (2016; 2018)/Organização e adaptação do autor.

A partir desses dados, a constatação possível é que as pesquisas sobre História da Educação Especial que circularam nos CBEEs reportam-se, sobretudo, ao século XX, com tendência a se enfatizar sua segunda metade, devido ao crescimento, a partir desse período, das instituições privado-filantrópicas especializadas nesse segmento e à própria institucionalização oficial da Educação Especial no Brasil a partir desse momento, com a emergência de políticas públicas, diretrizes e órgãos governamentais, bem como legislações específicas para a Educação Especial (JANNUZZI, 2006). Essa tendência também foi demarcada por Bezerra e Furtado (2017, p. 15), ao relatarem que as pesquisas coletadas nos CBEEs sobre essa área “[...] voltam-se, majoritariamente, para o século XX, enfatizando, sobretudo, momentos da segunda metade desse século (anos de 1950 a 1990), alcançando, em alguns casos, o presente século [século XXI]”. Desse modo, “[...] a primeira metade do século XX (1901 a 1950) e períodos mais recuados no tempo, inclusive o século XIX, são pouco explorados na historiografia da Educação Especial brasileira, revelando a necessidade de se empreender mais estudos nessa direção” (BEZERRA; FURTADO, 2017, p. 16). É importante reconhecer, porém, que alguns estudos veiculados nos CBEEs consideraram, de modo promissor, as primeiras décadas do século XX, sendo fundamental ampliar e diversificar essas investigações. Na direção do exposto, Rafante e Lopes (2011, n.p.) corroboram essa compreensão, entendendo que:

Em geral, os trabalhos que tratam da História da Educação Especial no Brasil tomam, como ponto de partida, as ações das esferas governamentais e, considerando que a Educação Especial ganhou espaço nos programas governamentais nas décadas de 1960 e 1970, os estudos privilegiam as análises a partir desse período. Alguns pesquisadores propõem periodizações, cuja classificação atribui uma imagem pouco significativa para os períodos anteriores à década de 1970, começando a configurar certa relevância o final da década de 1950.

Como também se depreende, o começo do século XXI emerge como uma temporalidade significativamente explorada nos trabalhos, haja vista que a transição do século XX para o século XXI foi marcante para a Educação Especial, assistindo-se à configuração de uma proposta educacional inclusiva, com mudanças legais, institucionais e político-pedagógicas nesse cenário, influenciadas por acordos e proposições internacionais (BEZERRA, 2012). Já o século XIX é parcamente abordado, quase sempre em referência às atividades institucionais dos antigos institutos Imperiais para surdos e cegos, como já citado, conquanto o período pudesse suscitar muitas outras inquietações e problemas de pesquisa sobre as representações culturais, práticas educacionais, sensibilidades e formas de assistência direcionadas aos sujeitos então considerados deficientes ou “diferentes” em seu desenvolvimento físico-orgânico e ou sociocognitivo. Por fim, a Antiguidade, enquanto período histórico, foi abordada em apenas um estudo. A esse respeito, é mister ressaltar, também, que essas temporalidades de longa duração, quando presentes na Educação Especial, são tomadas muito mais em sentido de mera revisão literária, de forma superficial, repetitiva e estereotipada, com base na simples menção a grandes fases ou períodos históricos, do que na perspectiva de um trabalho historiográfico capaz de analisar temáticas e objetos desse campo em um tempo longo ou, pelo menos, mais recuado cronologicamente, de maneira a mobilizar as inter-relações possíveis entre diacronia e sincronia, nos múltiplos tempos histórico-sociais. Esse é, pois, um ponto decisivo a ser problematizado pelos estudiosos que pretendem contribuir para o avanço da historiografia na e da Educação Especial.

Por fim, em relação ao aporte ou referencial teórico-epistemológico esposado para se empreender a leitura dessas fontes, problematizá-las e interpretá-las relativamente às temporalidades, objetos e temáticas eleitos, os estudos, em sua maioria, sequer explicitam-no ou não são precisos em sua indicação (ALMEIDA et al., 2016; LOBATO, 2016; BORGES; CAMPOS, 2016; SOUZA; DUTRA, 2016; TORRES, 2016; COSTA; BELMIRO; MUNSTER, 2016; MERCADO; FUMES, 2016; COSTA; PICHARILLO; PAULINO, 2016; ROCHA; TARTUCI, 2016; SANTOS; MENDES, 2016; AMORIM, 2016; DUARTE, 2016; OLIVEIRA, 2018; BORGES; SILVA; OLIVEIRA, 2018; BATISTA; PAIVA; SOUZA, 2018; LEAL, 2018a; SILVA; ARAÚJO, 2018; NASCIMENTO; REDIG, 2018; MURCIA; RAHME, 2018; ARAÚJO; FONSECA, 2018). Aliás, como tem sido cada vez mais comum no cenário acadêmico, em diversos deles, em vez da definição do aporte ou enfoque teórico, há apenas uma listagem avulsa de autores, dos quais se extrai uma ou outra citação, longe de constituírem, portanto, uma lente de análise teórico-epistemológica para a proposição e desenvolvimento da pesquisa, característica que sugere uma compreensão superficial da ideia de fundamentação teórica em pesquisa científica. Para aqueles textos que foram mais explícitos ou se declararam filiados, de fato, a algum referencial ou abordagem teórico-epistemológica, independentemente de haver ou não problemas conceituais, metodológicos, operacionais ou imprecisões em sua exposição e utilização, disponibiliza-se, a seguir, o *Quadro 3*.

### **Quadro 3: Abordagens teóricas explicitadas em textos sobre História da Educação Especial nos anais do CBEE (2016 e 2018).**

| <b>Referência do trabalho científico</b> | <b>Referencial ou abordagem teórica adotado(a)</b> |
|--|--|
| Andrade et al. (2016)                    | Estudos da Linguagem                               |

|                                     |   |
|-------------------------------------|---|
| Avila (2018)                        | Perspectiva histórico-cultural de Vigotski e historicidade da Educação                                      |
| Barreto et al. (2016)               | História de Vida e História Oral  |
| Bosco e Sofiato (2016)              | História Social e Cultural  |
| Cardoso e Martínez (2018)           | Perspectivas teórico-metodológicas de Justino Magalhães, Dominique Julia e António Nóvoa                    |
| Cosmo et al. (2016)                 | Foucault  |
| Cruz, Nunes e Souza (2018)          | História Cultural   |
| Estimado e Sofiato (2016)           | História social, notadamente as obras de François Buton, Jean René Presneau e Zina Didier-Weygand           |
| Ferraz e Silva (2018)               | Histórias de Vida e Estudos Culturais em Educação   |
| Leal (2016)                         | Psicologia Individual ou Psicologia Adleriana   |
| Leal (2018b)                        | Psicologia Individual ou Psicologia Adleriana   |
| Oliveira, Jacques e Ferreira (2016) | Marxista  |
| Pintor (2018)                       | Teoria Crítica, com foco em Theodor Adorno  |
| Santos (2016)                       | História Oral   |
| Santos e Mendes (2018)              | Escola dos <i>Annales</i>   |
| Seixas, Barros e Miranda (2018)     | História Cultural, com base nos Estudos sobre Cultura Material Escolar e História das Disciplinas Escolares |
| Seixas, Souza e Nascimento (2018)   | Estudos sobre Cultura Material Escolar e História das Disciplinas Escolares                                 |
| Siems-Marcondes (2016)              | Materialismo histórico-dialético, na abordagem histórica de Edward Palmer Thompson                          |
| Zutião et al. (2016)                | História Oral de Vida   |

**Fonte:** Anais do CBEE (2016; 2018)/Organização e adaptação do autor.

A partir das informações elencadas no *Quadro 3*, fica perceptível, ademais, que nem todos apresentam referencial teórico efetivamente historiográfico, como sintoma de mais uma das fragilidades observadas nas pesquisas enquadradas sob o eixo de História da Educação Especial. Trata-se de um dado a ser objeto de reflexões epistemológicas no campo, conquanto se queira fomentar novos estudos com enfoque historiográfico, sendo imprescindível aos pesquisadores ponderar sobre os limites, as exigências, as condições e as possibilidades de uma pesquisa histórica; sobre a organização peculiar de sua narrativa e sobre o manejo das fontes e das temporalidades, com vistas à produção de resultados teórica e historicamente fundamentados. Por outro lado, cabe não desconsiderar, também, a presença, ainda tímida, de um movimento de diversificação teórico-epistemológica no universo da pesquisa em História da Educação Especial, muito embora vertentes da História Cultural e da História Social, bem como da História Oral e das Histórias de Vida, pareçam ser as abordagens com maiores possibilidades de crescimento nesse campo. Dadas essas condições, a aproximação dos pesquisadores da Educação Especial aos da História da Educação coloca-se como uma necessidade e uma estratégia teórico-metodológica que poderá enriquecer e renovar a produção científica de ambos os campos, ao mesmo tempo em que se qualifica e se expande a própria historiografia da Educação Especial brasileira, ainda tão incipiente.

#### 4. Considerações finais

No decorrer deste artigo, foram escrutinadas as pesquisas publicadas sob o epíteto de História da Educação Especial nas edições de 2016 e 2018 do CBEE, considerando-se suas temáticas de estudo, os procedimentos metodológicos, as fontes empregadas, a demarcação temporal e os referenciais teórico-epistemológicos empregados. Como ponderação final, é mister fazer a ressalva de que, em momento nenhum, não foi o intuito deste texto desqualificar quaisquer dos trabalhos aqui analisados, cujas potencialidades científicas são reconhecidas para o desenvolvimento de novos estudos com enfoque historiográfico. Admite-se, ainda, que esses trabalhos foram produzidos em

circunstâncias peculiares e com objetivos determinados, quais sejam, para serem endereçados a um evento científico, com eixos temáticos previamente definidos, aos quais os autores precisavam se enquadrar. Logo, nem sempre revelam toda a complexidade e riqueza das pesquisas que lhes deram origem, estando muitas delas em andamento, na ocasião do congresso, e, desse modo, sujeitas a reformulações. Além disso, estudos como esses, escritos para congressos, tendem a ser produzidos de modo mais aligeirado e menos aprofundado, dadas as próprias condições de um evento acadêmico de áreas bem demarcadas, como os CBHES e os CBEES, que envolvem prazos, limite de páginas, comunicações orais do texto escrito – por meio das quais dúvidas podem ser dirimidas –, reclassificação de trabalhos em eixos temáticos conforme necessidades organizacionais dos congressos e uma audiência já familiarizada com os assuntos discutidos.

Mesmo assim, apesar de ter em vista tais ponderações, este artigo evidenciou seus resultados muito similares aos de Bezerra e Furtado (2017), sugerindo a necessidade de que a pesquisa em História da Educação Especial supere fragilidades conceituais e teórico-metodológicas, possivelmente decorrentes da pouca familiaridade de seus autores com a historiografia, suas correntes epistemológicas e suas operações técnico-científicas. Esse distanciamento do saber-fazer historiográfico tem se mostrado contraproducente para a própria legitimidade de tais pesquisas, pois, grosso modo,

[...] leva o pesquisador a situar os fatos considerados mais importantes em cada estágio, organizando esses fatos numa sequência cronológica, sem, no entanto, evidenciar os processos históricos que levaram a esses acontecimentos. Além disso, não estabelecem as relações com o contexto em que foram produzidos (RAFANTE, 2011, p. 11).

É imprescindível, portanto, a relevância de se incorporar novas fontes, temporalidades, temáticas e referenciais teórico-epistemológicos na condução dessas investigações, buscando-se o diálogo com outras áreas pertinentes, em particular a História e a História da Educação. Do contrário, corre-se o risco de se produzirem apenas trabalhos com temáticas ou meras revisões históricas, sem inovações ao campo ou com pouco impacto para o avanço da própria inteligibilidade da História da Educação Especial, em seus múltiplos tempos, espaços, saberes, práticas e sujeitos. Por isso mesmo, a articulação dessas pesquisas àquelas filiadas aos domínios científicos já apropriados pela historiografia da Educação “[...] trará, certamente, maiores chances de sustentação teórico-metodológica para esse lugar híbrido a que estamos nos referindo, isto é, a História da Educação Especial” (BEZERRA; FURTADO, 2017, p.21). Esse é um desafio a ser enfrentado pelo esforço conjugado dos pesquisadores que desejarem ser reconhecidos *nesse* e a partir *desse* lugar. Afinal, “[...] todo objeto historiográfico entretetece-se no cruzamento não de um, mas de alguns campos históricos que ajudam a constituí-lo” (BARROS, 2011, p. 46). Tal máxima é a chave para a renovação e expansão consequentes da historiografia da Educação Especial brasileira.

## 5 Referências

- ALMEIDA, Louise Costa da Silva et al. Breve História do Ensino Ajustado à Percepção Tátil. In: ANAIS DO 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2016, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas, GALOÁ, 2016. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee/cbee7/papers/breve-historia-do-ensino-ajustado-a-percepcao-tatil>. Acesso em: 27 mar. 2020.
- ALVES, Helen Cristiane Viana; CAMPOS, Juliane Aparecida de Paula Perez; ALVES, Augusto Marques. Apontamentos das produções científicas sobre o atendimento educacional especializado no município de Macapá. In: ANAIS DO 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2016, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas, GALOÁ, 2016. Disponível em:

- <https://proceedings.science/cbee/cbee7/papers/apontamentos-das-producoes-cientificas-sobre-o-atendimento-educacional-especializado-no-municipio-de-macapa>. Acesso em: 28 mar. 2020.
- AMORIM, Joyce Fernanda Guilanda de. A Organização das Pessoas com Deficiência: Participação na Assembleia Nacional Constituinte, 1987-1988 e suas reivindicações. In: ANAIS DO 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2016, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas, GALOÁ, 2016. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee/cbee7/papers/a-organizacao-das-pessoas-com-deficiencia-participacao-na-assembleia-nacional-constituente--1987-1988-e-suas-reivindica>. Acesso em: 27 mar. 2020.
- ANDRADE, Stela Cabral de et al. Organização e trabalho docente de professores surdos no ensino de Libras: das políticas às práticas. In: ANAIS DO 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2016, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas, GALOÁ, 2016. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee7/papers/organizacao-e-trabalho-docente-de-professores-surdos-no-ensino-de-libras%3A-das-politicas-as-praticas>. Acesso em: 27 mar. 2020.
- ARAÚJO, Camila Camillozzi Alves Costa de Albuquerque; FONSECA, Eneida Simões da. O Atendimento Escolar Hospitalar Faz Parte da Educação Especial? In: ANAIS DO 8º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2018, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas, GALOÁ, 2018. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee/cbee-2018/papers/o-atendimento-escolar-hospitalar-faz-parte-da-educacao-especial->. Acesso em: 27 mar. 2020.
- AVILA, Leila Lopes de. História de uma escola inclusiva na Baixada Fluminense/RJ. In: ANAIS DO 8º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2018, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas, GALOÁ, 2018. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee/cbee-2018/papers/historia-de-uma-escola-inclusiva-na-baixada-fluminense-rj>. Acesso em: 27 mar. 2020.
- BARRETO, Dulcilene Rodrigues da Silva et al. Uma História Especial Marcada por uma Vida à Educação Especial. In: ANAIS DO 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2016, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas, GALOÁ, 2016. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee/cbee7/papers/uma-historia-especial-marcada-por-uma-vida-a-educacao-especial>. Acesso em: 27 mar. 2020.
- BARROS, Carlos Henrique Farias de. Ensino de História, memória e história local. **Revista de História da UEG**, v. 2, n. 1, p. 301-321, jan./jul. 2013. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/1451/972>. Acesso em: 27 mar. 2020.
- BARROS, José D'Assunção. A Nova História Cultural - considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 12, n. 16, p. 38-63, 1º sem. 2011. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.2237-8871.2011v12n16p38/2958>. Acesso em: 11 fev. 2015.
- BATISTA, Getsemane de Freitas; PAIVA, Carla de; SOUZA, Izadora Martins da Silva de. Educação Especial Brasileira: Antecedentes à Criação do Cenesp (1950 A 1973). In: ANAIS DO 8º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2018, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas, GALOÁ, 2018. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee/cbee-2018/papers/educacao-especial-brasileira--antecedentes-a-criacao-do-cenesp--1950-a-1973->. Acesso em: 27 mar. 2020.
- BEZERRA, Giovani Ferreira. **A Federação Nacional das Apaes e seu periódico (1963-1973): estratégias, mensagens e representações dos apaeanos em (re)vista**. Dourados, 2017. 340f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados. Disponível em: <http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/379>. Acesso em: 18 janeiro 2020.

- BEZERRA, Giovani Ferreira. **Enquanto não brotam as flores vivas**: crítica à pedagogia da inclusão. 2012. 270f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba, 2012.
- BEZERRA, Giovani Ferreira; FURTADO, Alessandra Cristina. A produção sobre História da Educação Especial nos Congressos Brasileiros de História da Educação (CBHEs): um lugar em construção. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 33, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/v33/1982-6621-edur-33-156559.pdf>. Acesso em: 22 set. 2017.
- BORGES, Adriana Araújo Pereira; CAMPOS, Regina Helena de Freitas. A influência de Helena Antipoff na Educação Especial brasileira: entre a militância e a ciência. In: ANAIS DO 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2016, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas, GALOÁ, 2016. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee/cbee7/papers/a-influencia-de-helena-antipoff-na-educacao-especial-brasileira--entre-a-militancia-e-a-ciencia>. Acesso em: 27 mar. 2020.
- BORGES, Adriana Araújo Pereira; SILVA, Paulo Vitor Rodrigues da; OLIVEIRA, Ilmer Maciel. Normas da Educação Especial Mineira: da Fase Excludente à Inclusão. In: ANAIS DO 8º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2018, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas, GALOÁ, 2018. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee/cbee-2018/papers/normas-da-educacao-especial-mineira--da-fase-excludente-a-inclusao>. Acesso em: 27 mar. 2020.
- BOSCO, Daniella Cristina; SOFIATO, Cássia. Entre a norma e a experiência: o ensino da disciplina “Mathematics, Geographia e História do Brasil” no Imperial Instituto dos Surdos-Mudos. In: ANAIS DO 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2016, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas, GALOÁ, 2016. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee7/papers/entre-a-norma-e-a-experiencia%3A-o-ensino-da-disciplina-%E2%80%9Cmathematics%2C-geographia-e-historia-do-brasil%E2%80%9D-no-imperial-instit>. Acesso em: 27 mar. 2020.
- CARDOSO, Fernanda Luísa de Miranda; MARTÍNEZ, Silvia Alicia. A Abordagem da Educação Especial nas Conferências Internacionais de Educação (1934-1963). In: ANAIS DO 8º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2018, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas, GALOÁ, 2018. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee/cbee-2018/papers/a-abordagem-da-educacao-especial-nas-conferencias-internacionais-de-educacao--1934-1963->. Acesso em: 27 mar. 2020.
- CERTEAU, Michel. A operação historiográfica. In: **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 65-119.
- CONGRESSO Brasileiro de Educação Especial. **VIII CBEE**: Breve Histórico. São Carlos: 2018. Disponível em: <http://2018.cbee-ufscar.com.br/br/node/1455>. Acesso em: 27 mar. 2020.
- COSMO, Marciane et al. A História de Educação Especial/Inclusiva: desvelando os conceitos In/Exclusão, Biopolítica e Governabilidade. In: ANAIS DO 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2016, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas, GALOÁ, 2016. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee7/papers/a-historia-de-educacao-especial/inclusiva%3A-desvelando-os-conceitos-in/exclusao%2C-biopolitica-e-governabilidade>. Acesso em: 27 mar. 2020.
- COSTA, Ailton Barcelos da; PICHARILLO, Alessandra; PAULINO, Vanessa Cristina. O processo histórico de inserção social da pessoa cega na Antiguidade. In: ANAIS DO 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2016, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas, GALOÁ, 2016. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee/cbee7/papers/o-processo-historico-de-insercao-social-da-pessoa-cega-na-antiguidade>. Acesso em: 27 mar. 2020.
- COSTA, Camila de Moura; BELMIRO, Maria Orlandia de Melo; MUNSTER, Mey de Abreu van. A História da Educação Especial de um município do interior da Bahia: AEE em foco. In: ANAIS

DO 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2016, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas, GALOÁ, 2016. Disponível em:

<https://proceedings.science/cbee/cbee7/papers/a-historia-da-educacao-especial-de-um-municipio-do-interior-da-bahia--aee-em-foco>. Acesso em: 27 mar. 2020.

CRUZ, Cândida Luísa Pinto; NUNES, Patrícia Matos Souza; SOUZA, Rita de Cácia Santos. Do Entorno ao Chão da Escola”: (Re)Pensar a Educação Especial em Sergipe a partir da Missão Cubana (1996 A 1998). In: ANAIS DO 8º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2018, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas, GALOÁ, 2018. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee/cbee-2018/papers/do-entorno-ao-chao-da-escola-----re--pensar-a-educacao-especial-em-sergipe-a-partir-da-missao-cubana---1996-a-1998--->. Acesso em: 27 mar. 2020.

DUARTE, Lourdes do Nascimento. Participação Social: Conselhos de Direitos e a Composição do Conselho Nacional das Pessoas com Deficiências-Conade. In: ANAIS DO 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2016, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas, GALOÁ, 2016. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee/cbee7/papers/participacao-social--conselhos-de-direitos-e-a-composicao-do-conselho-nacional-das-pessoas-com-deficiencias-conade->. Acesso em: 27 mar. 2020.

ESTIMADO, Roberta Baessa; SOFIATO, Cássia. A escolarização de surdos e cegos no Brasil e na França: os primeiros institutos de educação especializada. In: ANAIS DO 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2016, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas, GALOÁ, 2016. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee7/papers/a-escolarizacao-de-surdos-e-cegos-no-brasil-e-na-franca%3A-os-primeiros-institutos-de-educacao-especializada>. Acesso em: 27 mar. 2020.

FERRAZ, Marco Aurélio Freire; SILVA, Sandra Elisabete Porto da. PÉROLAS DO ELYSEU – 30 ANOS PRODUZINDO JÓIAS. In: ANAIS DO 8º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2018, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas, GALOÁ, 2018. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee/cbee-2018/papers/perolas-do-elyseu-----30-anos-produzindo-joias>. Acesso em: 27 mar. 2020.

FERREIRA, Carla Mercês da Rocha Jatobá. Aspectos Históricos da Introdução da Psicometria no Brasil. In: ANAIS DO 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2016, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas, GALOÁ, 2016. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee7/papers/aspectos-historicos-da-introducao-da-psicometria-no-brasil>. Acesso em: 27 mar. 2020.

FERREIRA, Júlio Romero; BUENO, José Geraldo Silveira. Os 20 anos do GT educação especial: gênese, trajetória e consolidação. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 17, n. espec. 1, p. 143-170, maio/ago. 2011.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

JANNUZZI, Gilberta de Martino. **A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

JANNUZZI, Gilberta de Martino; CAIADO, Katia Regina Moreno. **APAE - 1954 a 2011: algumas reflexões**. Campinas: Autores Associados, 2013.

LEAL, Daniela. A Teoria Adleriana sobre as Clínicas de Orientação Infantil: ressignificações à Educação Especial e Inclusiva. In: ANAIS DO 8º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2018b, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas, GALOÁ, 2018b. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee/cbee-2018/papers/a-teoria-adleriana-sobre-as-clinicas-de-orientacao-infantil--ressignificacoes-a-educacao-especial-e-inclusiva>. Acesso em: 27 mar. 2020.

LEAL, Daniela. Resgatando o passado: a importância da Escola para Cegos “Helen Keller” de Ribeirão Preto (1954-1990). In: ANAIS DO 8º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2018a, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas, GALOÁ, 2018a. Disponível em: <<https://proceedings.science/cbee/cbee-2018/papers/resgatando-o-passado%3A-a-importancia-da-escola-para-cegos-%E2%80%9Chelen-keller%E2%80%9D-de-ribeirao-preto-%281954-1990%29>>. Acesso em: 27 mar. 2020.

LEAL, Daniela. Ressignificando as Clínicas de Condução Infantil sob a Perspectiva de Alfred Adler. In: ANAIS DO 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2016, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas, GALOÁ, 2016. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee7/papers/ressignificando-as-clinicas-de-conducao-infantil-sob-a-perspectiva-de-alfred-adler>. Acesso em: 27 mar. 2020.

LOBATO, Huber Kline Guedes. Políticas de educação especial no Brasil e a educação de Surdos em Breves – Pará. In: ANAIS DO 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2016, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas, GALOÁ, 2016. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee/cbee7/papers/politicas-de-educacao-especial-no-brasil-e-a-educacao-de-surdos-em-breves----para>. Acesso em: 27 mar. 2020.

MERCADO, Elisângela; FUMES, Neiza. A Educação Especial no Município de Maceió: das Classes Especiais às Salas de Recursos Multifuncionais. In: ANAIS DO 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2016, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas, GALOÁ, 2016. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee7/papers/a-educacao-especial-no-municipio-de-maceio%3A-das-classes-especiais-as-salas-de-recursos-multifuncionais->. Acesso em: 27 mar. 2020.

MURCIA, Yudi Esmeralda Pardo; RAHME, Mônica Maria Farid. Erase una vez y podría volver a ser... Educación Especial em Colombia. In: ANAIS DO 8º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2018, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas, GALOÁ, 2018. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee/cbee-2018/papers/erase-una-vez-y-podria-volver-a-ser----educacion-especial-en-colombia>. Acesso em: 27 mar. 2020.

NASCIMENTO, Vanessa Lima do; REDIG, Annie Gomes. Desafios da Educação Especial no Município de Queimados. In: ANAIS DO 8º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2018, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas, GALOÁ, 2018. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee/cbee-2018/papers/desafios-da-educacao-especial-no-municipio-de-queimados>. Acesso em: 27 mar. 2020.

OLIVEIRA, Luana Aparecida de; JACQUES, Luís Fernando; FERREIRA, Gelssi. Os Desafios da Educação Inclusiva na Sociedade Capitalista: Considerações sobre as Pessoas com Necessidades Especiais. In: ANAIS DO 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2016, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas, GALOÁ, 2016. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee7/papers/os-desafios-da-educacao-inclusiva-na-sociedade-capitalista%3A-consideracoes-sobre-as-pessoas-com--necessidades-especiais->. Acesso em: 27 mar. 2020.

OLIVEIRA, Tyara Carvalho de. A história da educação inclusiva na perspectiva das Classes Hospitalares. In: ANAIS DO 8º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2018, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas, GALOÁ, 2018. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee/cbee-2018/papers/a-historia-da-educacao-inclusiva-na-perspectiva-das-classes-hospitalares->. Acesso em: 27 mar. 2020.

PINTOR, Nelma. Educação Inclusiva e Direitos Humanos: Recortes das Tensões e Resistências Existentes no Contexto Brasileiro. In: ANAIS DO 8º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2018, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas, GALOÁ, 2018. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee/cbee-2018/papers/educacao-inclusiva-e-direitos->

[humanos--recortes-das-tensoes-e-resistencias-existent-no-contexto-brasileiro](#). Acesso em: 27 mar. 2020.

RAFANTE, Heulalia Charalo. Helena Antipoff, as Sociedades Pestalozzi e a Educação Especial do Brasil. 2011. 311f. *Tese* (Doutorado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

RAFANTE, Heulalia Charalo; LOPES, Roseli Esquerdo. A Sociedade Pestalozzi e a Educação Especial em Minas Gerais nas décadas de 1930 e 1940. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 34., 2011, *Anais...* Natal: Anped, 2011. Não paginado. Disponível em:

<http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT15/GT15-422%20int.pdf>; Acesso em: 10 ago. 2015.

ROCHA, Laressa; TARTUCI, Dulcéria. Helena Antipoff e os Trabalhos Voltados para Educação e Formação de Pessoas no Brasil. In: ANAIS DO 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2016, São Carlos. *Anais eletrônicos...* Campinas, GALOÁ, 2016. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee/cbee7/papers/helena-antipoff-e-os-trabalhos-voltados-para-educacao-e-formacao-de-pessoas-no-brasil>. Acesso em: 27 mar. 2020.

RÜSEN, Jörn. *Teoria da história: uma teoria da história como ciência*. Tradução de Estevão C. de Rezende Martins. Curitiba: Editora UFPR, 2015.

SANTOS, Keisyani Silva; MENDES, Eniceia Gonçalves. Histórias sobre o Papel das Instituições Especializadas de Cunho Filantrópico em Jornal Impresso. In: ANAIS DO 8º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2018, São Carlos. *Anais eletrônicos...* Campinas, GALOÁ, 2018. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee/cbee-2018/papers/historias-sobre-o-papel-das-instituicoes-especializadas-de-cunho-filantropico-em-jornal-impresso>. Acesso em: 27 mar. 2020.

SANTOS, Keisyani Silva; MENDES, Eniceia Gonçalves. Uma Análise da Produção Recente acerca da História da Educação Especial no Brasil. In: ANAIS DO 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2016, São Carlos. *Anais eletrônicos...* Campinas, GALOÁ, 2016. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee7/papers/uma-analise-da-producao-recente-acerca-da-historia-da-educacao-especial-no-brasil>. Acesso em: 27 mar. 2020.

SANTOS, Robenilson Nascimento dos. Síntese da trajetória do Grupo de Voluntários, Copistas e Ledores para Cegos – GVCLC. In: ANAIS DO 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2016, São Carlos. *Anais eletrônicos...* Campinas, GALOÁ, 2016. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee/cbee7/papers/sintese-da-trajetoria-do-grupo-de-voluntarios--copistas-e-ledores-para-cegos----gvclc>. Acesso em: 27 mar. 2020.

SEIXAS, Catharine Prata; BARROS, Alessandra Santana Soares e; MIRANDA, Theresinha Guimarães. Oralismo: Os Livros Traduzidos no Instituto Nacional de Educação de Surdos (1951-1961). In: ANAIS DO 8º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2018, São Carlos. *Anais eletrônicos...* Campinas, GALOÁ, 2018. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee/cbee-2018/papers/oralismo--os-livros-traduzidos-no-instituto-nacional-de-educacao-de-surdos--1951-1961->. Acesso em: 27 mar. 2020.

SEIXAS, Catharine Prata; SOUZA, Verônica dos Reis Mariano; NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. Método Oral: Análise dos Diários de Classe do Curso de Especialização no Instituto Nacional de Educação de Surdos (1960-1961). In: ANAIS DO 8º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2018, São Carlos. *Anais eletrônicos...* Campinas, GALOÁ, 2018. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee/cbee-2018/papers/metodo-oral--analise-dos-diarios-de-classe-do-curso-de-especializacao-no-instituto-nacional-de-educacao-de-surdos--1960->. Acesso em: 27 mar. 2020.

SIEMS-MARCONDES, Maria Edith Romano. O projeto da Ditadura Militar para a Educação Especial nos territórios federais: 1964 a 1985. In: ANAIS DO 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE

EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2016, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas, GALOÁ, 2016. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee7/papers/o-projeto-da-ditadura-militar-para-a-educacao-especial-nos-territorios-federais%3A-1964-a-1985>. Acesso em: 27 mar. 2020.

SILVA, Ana Mara Coelho da; ARAÚJO, Marcelo Marques de. Educação Especial e Educação Inclusiva: Alguns Apontamentos Históricos e Legais. In: ANAIS DO 8º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2018, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas, GALOÁ, 2018. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee/cbee-2018/papers/educacao-especial-e-educacao-inclusiva--alguns-apontamentos-historicos-e-legais->. Acesso em: 27 mar. 2020.

SOUZA, Marisa Mendes Machado de; DUTRA, Flávia Barbosa da Silva. Inclusão x Exclusão: Histórico, Políticas e Práticas do Processo Inclusivo. In: ANAIS DO 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2016, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas, GALOÁ, 2016. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee7/papers/inclusao-x-exclusao%3A-historico%2C-politicas-e-praticas-do-processo-inclusivo>. Acesso em: 27 mar. 2020.

TORRES, Leslie Freitas de. La Educación Especial Gallega: el Colegio de Sordomudos y de Ciegos de Santiago de Compostela. In: ANAIS DO 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2016, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas, GALOÁ, 2016. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee/cbee7/papers/-la-educacion-especial-gallega--el-colegio-de-sordomudos-y-de-ciegos-de-santiago-de-compostela->. Acesso em: 27 mar. 2020.

ZUTIÃO, Patrícia et al. Análise da Produção Acadêmica e Científica da Professora Dra. Enicéia Gonçalves Mendes por meio da História de Vida. In: ANAIS DO 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2016, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas, GALOÁ, 2016. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee7/papers/analise-da-producao-academica-e-cientifica-da-professora-dra.-eniceia-goncalves-mendes-por-meio-da-historia-de-vida>. Acesso em: 27 mar. 2020.

Recebido em: 30 de março de 2020.

Aceito em: 04 de junho de 2020.

Publicado em: 24 de novembro de 2020.